

JORNAL DO BRASIL

CADERNO: 1º

PÁGINA: 8

DATA: 2 / 3 / 99

A Agenda que Falta

O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, na entrevista de domingo ao **JORNAL DO BRASIL**, denunciou um dos mais sérios problemas brasileiros, gerador de muitos outros, ao constatar que o governo ampliou desnecessariamente a máquina administrativa: "Estamos enxugando de um lado e gastando do outro."

Em política, a indecisão só colhe frutos verdes quando se trata de equacionar problemas que, no mundo atual, surgem de todos os lados, em forma de crises avassaladoras, e sem piedade. O presidente do Senado, que já analisara com realismo a situação nacional por ocasião da instalação dos trabalhos do Congresso em 1999, voltou a criticar suposta negociação com o FMI "se ela for lesiva aos interesses nacionais", caso em que o Senado não a aceitaria.

Mas entre o discurso no Senado e a entrevista ao **JORNAL DO BRASIL** ocorreu a reunião do presidente com os governadores (à exceção de um deles), com a qual se evidenciou que, se o presidente Fernando Henrique ficou "enfraquecido em relação à eleição" do ano passado, "só se isola se quiser". Evidentemente tudo passa por "agenda positiva" que infelizmente o governo demora a adotar "ou por posições internas que não sabemos ou porque não está sendo ágil como a nação quer".

Diante dos desafios internos e externos, a exigir tomadas de posição decisivas, a atual geração de brasileiros adultos vive o especial momento de se conscientizar que precisa desenhar e iniciar a construção de seu próprio país. Os brasileiros não podem ficar presos ao que vem sendo feito nos últimos 500 anos, nem nos últimos 50. É preciso ousadia para romper esquemas tradicionais e pensar em nova fórmula de ser civilização sem cair na utópica ilusão do radicalismo. A grande crise vivida pela sociedade brasileira é a crise da idéia de si, do que deseja ser e do que é possível ser.

O fim da ditadura levou a uma antidemocracia na qual o processo democrático se dá apenas internamente, em cada grupo. Quase nenhum par-

tido político está preparado ou sequer parece interessado em procurar entender o país, em descobrir a forma como os brasileiros vêem o Brasil e o mundo, descobrir a consciência coletiva que unirá a nação e formular projeto nacional que aglutine e seja viável.

Um dos exemplos da falta de consciência nacional se deu durante a feitura da Constituição de 88 - um dos problemas apontados por Antônio Carlos Magalhães. Os grupos corporativistas se jogaram sobre a Constituinte como se fosse camisa e apenas seus interesses tivessem prioridade, acima das grandes questões nacionais. O resultado foi a promulgação da Constituição detalhista - uma colcha de retalhos - que não demorou um decênio para se esgarçar e se desatualizar. No texto da Constituição, em cada capítulo, artigo, inciso ou parágrafo aparece o dedo das corporações que não se fizeram de rogadas.

O corporativismo é o maior sintoma de arcaísmo da sociedade brasileira. Na Constituinte ele se manifestou ferozmente, à esquerda ou à direita, para garantir vantagens, sem grandeza de pensar no futuro da nação. O resultado af está, principalmente no desencontro das várias fontes de poder. A Constituição de 88, como disse o senador Antônio Carlos Magalhães, não soube balizar o problema do estado, da União e do município: "Nós estamos pagando o preço da Constituição."

Repetindo o que formulara no discurso inaugural, voltou a pregar a extinção do Superior Tribunal Militar e dos tribunais regionais do Trabalho "que representam excrescências no país, ainda mais com juizes classistas".

Em suma, o presidente do Senado expôs as perplexidades da nação na expectativa dos próximos lances do governo como um todo, especialmente neste momento em que o presidente da República parece enfraquecido mas tem condições de reabilitação. Na fórmula de Antônio Carlos Magalhães, o Brasil sairá da crise com "grandes esperanças" se tudo passar pela agenda positiva.

X